

# A CABANA NA FLORESTA

ANA REYES

Tradução de Beatriz Guterman



ALTA BOOKS  
GRUPO EDITORIAL  
Rio de Janeiro, 2024

*Para Bonk, Mãe, Pai, Vovô, Brian e Hilda.*

AMOSTRA





## PRÓLOGO

**NAS PROFUNDEZAS DESTES BOSQUES HÁ UMA CASA QUASE IMPERCEPTÍVEL.**

Na verdade, a maioria das pessoas daria uma olhada e insistiria que não há nenhuma casa lá. E elas não estariam completamente erradas. O que veriam seria os escombros de uma casa, uma estrutura em ruínas, coberta de ervas daninhas. Uma casa há muito abandonada. Mas olhe bem para este piso, para este concreto marcado pelo sol e pela neve. É aqui que fica a lareira. Se olhar com atenção, uma faísca se acenderá. E, se a soprar, a faísca se tornará uma chama, uma luz quente nesta floresta fria e escura.

Se chegar mais perto, para fugir do frio, o fogo se tornará mais forte, lançando fumaça em seus olhos, uma fumaça espiralada com cheiro de pinheiro queimado, que se adocica até virar perfume, e então suaviza até se tornar o cheiro do casaco de sua mãe. Ela está murmurando no quarto ao lado. Vire-se e lá estão as paredes, tímidas, como um veado surgindo das árvores. O concreto congelado se transforma em um tapete. Tire os sapatos, fique um pouco. Lá fora, a ventania está aumentando, e de repente há um estalo, um rangido rápido e próximo. Devem ser os caixilhos das janelas. Uma neve leve cai do céu, cobrindo este lar acolhedor. É hora de dormir. “Boa noite, casinha. Boa noite, camundongo.” Lembra-se? Pela primeira vez, não há motivo para se levantar, ninguém para perseguir ou de quem correr. Da cozinha, vem o cheiro de lar, os sons de algo fri-

tando na panela. O mundo já foi assim antes da primeira cólica, da primeira queimadura, da primeira vez que se perdeu. E é por isso que repete estas palavras. “Boa noite, ninguém. Boa noite, mingau. Boa noite, velhinha fazendo ‘pssiu’.”

Tenha uma boa noite de sono, pois quando acordar essa casa não estará mais aqui.



AMOSTRA



**MAYA AINDA NÃO SABIA, MAS O VÍDEO JÁ HAVIA COMEÇADO A CIRCULAR** nas redes sociais. Um trecho de imagens de segurança em baixa resolução, estranho e perturbador o suficiente para atrair centenas de visualizações no dia em que foi ao ar, mas não sinistro o bastante para garantir visualizações repetidas. Não para a maioria das pessoas, pelo menos. Mas, para Maya, a existência do vídeo colocaria em xeque tudo o que ela estivera construindo para si mesma nos últimos anos, esta vida, às vezes bagunçada, mas na maior parte do tempo sólida, compartilhada com Dan, que ronca-va baixinho ao seu lado na cama.

Ela ainda não havia visto o vídeo porque estava evitando olhar para telas, para que a luz azul não a mantivesse acordada. Havia tentado de tudo para dormir: antialérgicos, melatonina, contar de cem até um. Havia escondido o relógio, tomado um banho na banheira e um pouco de xarope, mas nada disso ajudou. Essa era a sua terceira noite seguida de insônia. Havia se mudado com Dan no começo do mês e sabia de cor o formato de cada mancha de mofo no teto. As ramificações de cada rachadura.

Virando-se de lado, Maya lembrou que precisava comprar cortinas. O aquecedor elétrico que estava ao pé da cama ligou, causando um som que ela geralmente gostava, mas agora o crepitar da grelha de metal a irritava. Afastando as cobertas, ela se levantou da cama e vestiu uma camisa de flanela por cima da roupa íntima. O apartamento era frio, a calefação central, apenas parcialmente eficaz, mas sua pele estava úmida de suor.

O piso de madeira gelado era agradável contra seus pés conforme ela andava pelo corredor escuro, passando pelo segundo quarto, agora vazio, exceto pela bicicleta que Dan havia comprado no Craigslist. Ela nunca havia feito muito esforço para decorar os apartamentos que havia compartilhado com os vários colegas de quarto que tivera desde que saiu da faculdade — nenhum pôster, retrato, nem mesmo uma almofada —, mas ultimamente havia começado a frequentar a loja de departamento que ficava em frente ao Centro de Jardinagem da Kelly, onde trabalhava, e ir direto para o setor de decoração. Comprava mesinhas de canto, tapetes para sala, e outras coisas que não tinha como pagar.

Maya tinha planos para este lugar. Estava determinada a fazer com que parecesse um lar.

Era pouco antes do amanhecer, uma luz cinzenta e invernical estava se pondo sob as compras recentes da sala de estar: a mesinha de centro que substituiria aquela que o colega de quarto de Dan havia levado quando se mudou. Novas prateleiras para todos os livros que ela havia comprado, além de todos que Dan já tinha. Um sofá seminovo, em veludo verde-escuro. E, pendurado na parede acima dele, o único objeto decorativo que ela havia trazido consigo, a única peça de arte que havia preservado pelos últimos sete anos.

Uma tapeçaria maia do tamanho de uma toalha de banho. Uma trama de fios vermelhos, amarelos, verdes e azuis entrelaçados em fileiras de símbolos que lembravam flores e cobras. Para Maya, aquilo era mais do que uma simples decoração. Não sabia exatamente o que os símbolos significavam, mas sabia que em algum lugar nas montanhas da Guatemala, havia pessoas que sabiam como interpretá-los. Ela passou pela tapeçaria no escuro.

A pia continha a louça suja da noite, pratos salpicados de bolonhesa. Ela adorava cozinhar com Dan na cozinha nova, e a comida inundara o ambiente com o perfume de alho e tomates frescos, mas o sabor estava estranho. Ou talvez ela simplesmente estivesse sem apetite.

Talvez seu estômago estivesse contraído como um punho. Dan havia perguntado se havia algo errado, e ela respondera que estava bem, mas não estava. Abrindo a porta de um armário, afastou algumas xícaras, copos e taças de vinho até encontrar o que estava procurando. Um copo de dose, trinta mililitros. Era só isso que beberia, disse a si mesma, e a tirinha de fotos que serviam como ímã de geladeira a lembraram do porquê.

As fotos eram do Halloween passado, tiradas em uma cabine de fotos no bar em que passou a noite dançando com amigos. Maya havia se fantasiado de “Bruxa Fada”, uma personagem que inventou enquanto vasculhava a internet no último momento. Usou um par de asas cheio de glitter, um chapéu preto pontudo e um vestido azul com lantejoulas na gola. De algum jeito, isso lhe rendeu o segundo lugar no concurso de fantasias.

Dan se vestiu de Max de *Onde Vivem os Monstros*. Foi difícil encontrar um macacão cinza grande o suficiente para seu corpo, ainda mais um que fosse produzido eticamente, mas Dan havia começado a procurar com bastante antecedência. Então, costurou uma cauda felpuda para o traseiro e fez uma coroa de cartolina dourada reciclada.

Eles pareciam opostos de diversas formas: ela era pequena e de aparência surpreendentemente atlética para alguém que nunca praticava esportes, enquanto ele era alto e parecia adorar comer; e realmente adorava. Ele tinha olhos azuis, pele clara, uma barba castanha curta e usava óculos, já a pele dela era oliva e sua etnicidade não era clara. As pessoas sempre supunham que ela era indiana, turca, mexicana ou armena. Na verdade, ela era metade guatemalteca, um quarto irlandesa e um quarto italiana. Cabelos negros espessos e maçãs do rosto altas, características dos maias, combinavam com seu queixo redondo e nariz arrebitado dos irlandeses. Ela e Dan poderiam parecer opostos, mas, se olhasse com atenção, era possível ver que havia algo na postura de cada um: um leve declive para baixo em direção a ela, uma inclinação para cima em direção a ele para encontrá-lo no meio do caminho. Pareciam felizes. E ela parecia bêbada — não extremamente, mas quase.

Tirou uma garrafa de gim do freezer. Vapor branco saiu da garrafa quando ela abriu a tampa, encheu o copinho até o topo, levantou-o — *Saúde!* — para os rostos no retrato e se fez uma promessa: na manhã seguinte contaria a Dan o motivo de não estar sendo ela mesma nos últimos dias, de não estar conseguindo dormir ou comer. Contaria a ele que estava passando por abstinência de Rivotril.

O problema é que Dan nem sabia que Maya tomava Rivotril, para começo de conversa. Quando se conheceram, ela já se medicava todos os dias para dormir. Não era um problema — antigamente, até tinha receita —, por que mencionar isso para alguém que estava namorando?

Antes de Dan, não havia namorado com ninguém por mais do que um mês. Mas então um mês com Dan se transformou em três, e antes que percebesse dois anos e meio se passaram.

Como explicar por que esperou todo esse tempo? Ou por que tomava o remédio, para começo de conversa?

E o que Dan pensaria quando soubesse que os comprimidos não vinham da farmácia e sim de sua amiga, Wendy?

Maya havia justificado sua dependência de tantas formas, dizendo a si mesma que não era uma mentira, apenas uma omissão; que guardava os comprimidos em uma embalagem de aspirina dentro da bolsa por ser mais conveniente, não para escondê-los. Planejava parar desde o começo, e então, assegurou a si mesma, quando o hábito estivesse no passado, contaria a ele.

Mas agora havia ficado sem os comprimidinhos, e Wendy, uma amiga da faculdade, não estava respondendo às ligações. Maya tentou dezenas de vezes, mandou mensagens, e-mails, até que finalmente ligou. As duas continuaram próximas por alguns anos depois da formatura, principalmente porque ambas ainda moravam perto da Universidade de Boston e gostavam de festejar. Mal se viam durante o dia, mas bebiam juntas em várias noites da semana. Mas agora que Maya estava diminuindo a bebedeira, se viam cada vez menos. Ela percebeu que os brunches mensais

havam se tornado literalmente transacionais: cinquenta dólares por trinta comprimidos de Rivotril.

Será que era por isso que Wendy não atendia às ligações?

Conforme a abstinência de Maya piorava — a insônia, a agitação mental, a sensação de ter formigas percorrendo seu corpo — imaginou se Wendy sabia como seria infernal.

Maya não sabia. Dr. Barry, o psiquiatra que receitou a medicação para ela há sete anos, não dissera nada sobre vício. Havia dito que os comprimidos a ajudariam a dormir, e ajudaram — mas só por um tempo. Com o passar dos dias, ela precisou de cada vez mais para conseguir os mesmos resultados, e Dr. Barry estava sempre disposto em acatar, aumentando a dose com um movimento da caneta... até que Maya se formou na universidade e perdeu o seguro de saúde. Quando não pôde mais pagar pelas consultas, se viu sem remédios, e só então percebeu que não conseguia mais dormir sem eles.

Por sorte, Wendy também tinha uma receita e não acreditava na “indústria” de saúde mental. Não tomava nenhum dos remédios que seu médico prescrevia, preferindo vendê-los ou trocá-los por outras drogas. Maya comprava Rivotril de Wendy há três anos, desde que se formou na faculdade. Repetindo o tempo todo para si mesma que pararia. Ela não esperava que parar fosse fácil, mas a gravidade lhe pegou de surpresa, e pesquisar os sintomas no Google não ajudou. Insônia, ansiedade, tremores, espasmos musculares, paranoia, agitação — com isso ela podia lidar. O que a assustava era a possibilidade de ter alucinações.

Ela precisou de toda força de vontade que tinha para fechar o gim e guardá-lo de volta no freezer. Foi ao banheiro e tomou um gole de xarope Vick, fazendo careta ao sentir o líquido viscoso descer pela garganta. Seu reflexo fez careta de volta para ela, fantasmagórico sob a luz que entrava pela janela de vidro fosco. Sua pele estava pálida e úmida. Os olhos, fundos. A abstinência tirou seu apetite, e Maya percebeu que havia perdido peso, os ossos de suas bochechas e clavículas estavam mais pronunciados. Ela se forçou a relaxar o maxilar.

Na sala de estar, acomodou-se no sofá e tirou a camisa de flanela suada. Acendeu a luminária e tentou se distrair com um livro, um mistério que até então a entretinha, mas se viu relendo o mesmo parágrafo várias vezes. O silêncio parecia estrondoso. Logo a rua se encheria com as vozes dos passageiros da Linha Verde, o som das pessoas entrando nos carros estacionados na calçada e das portas batendo.

Ela ouviu passos e se virou para ver Dan surgindo da escuridão do corredor. Ele parecia estar meio dormindo, o cabelo bagunçado pelo travesseiro. Havia ficado acordado até tarde, estudando para as provas do terceiro ano da faculdade de direito.

Os dois tinham 25 anos, mas Dan levava uma vida mais produtiva, ou pelo menos era assim que parecia para Maya. Logo ele se formaria, faria o exame da ordem e começaria a procurar emprego, coisas que ela não invejava. O que ela invejava era o quanto ele confiava em si mesmo. Ele queria ser advogado ambientalista, vinha trabalhando neste objetivo desde que ela o conheceu, enquanto ela trabalhava na Floricultura da Kelly, atendendo clientes e cuidando de vasos de planta desde que se formou na Universidade de Boston.

Não que ela considerasse o emprego alguém de suas capacidades, mas às vezes tinha medo de que Dan visse dessa forma ou que reprovasse sua aparente falta de ambição. No começo do namoro, ela havia dito que queria ser escritora, e ele sempre a apoiara; tocava no assunto às vezes, perguntando quando poderia ler alguma obra dela. Mas a verdade é que Maya não escrevia nada desde o último ano da faculdade.

Até que, recentemente, ele parara de perguntar, como se tivesse deixado de acreditar que um dia ela retomaria seus planos.

Dan forçou os olhos para vê-la na escuridão. Maya estava sentada no sofá, de calcinha e sutiã, enquanto ele vestia calça de moleton, meias de lã e uma camiseta de manga comprida.

— Ei... — disse ele meio grogue. — Você está bem?

Maya assentiu.

— Não estava conseguindo dormir.

Mas Dan não era idiota. Na verdade, ele era extremamente inteligente — isso era parte da razão pela qual ela o amava. Ele sabia que havia algo de errado, e Maya queria lhe contar — ela havia prometido a si mesma que contaria —, mas agora obviamente não era a hora certa. (Novamente.) Levantando-se do sofá, ela jogou a camisa de flanela que a pinicava por cima dos ombros e cruzou a sala para colocar uma mão no braço dele.

— Eu já estava voltando para cama.

Ela encarou seus olhos cansados e caminhou até o quarto.

Era difícil definir quando o quarto havia ficado tão bagunçado. Nenhum dos dois era naturalmente organizado, mas conseguiam manter a sala e a cozinha em ordem. Mas, já que os visitantes nunca tinham motivo para entrar no quarto, Maya e Dan deixavam roupas jogadas no chão e canecas sujas, taças de vinhos e livros espalhados, e recentemente isso havia piorado. A bagunça nunca a havia incomodado, mas agora o quarto parecia perturbadoramente como o interior de sua mente.

Ela deitou e fechou os olhos, e Dan emitiu um ruído como se fosse dizer algo. Ela esperou. Esperou até a respiração dele ficar lenta com o sono.



O sonho começou imediatamente. Em um momento, Maya estava ouvindo a respiração de Dan e, no seguinte, estava na cabana de Frank. Consciente, havia se esquecido desse lugar, mas, dormindo, conhecia o caminho como a palma da mão: tinha que seguir uma trilha estreita no meio da floresta, depois subir em uma ponte até a clareira do outro lado. A cabana ficava na clareira, cercada por um paredão de árvores, e havia duas cadeiras de balanço vazias na varanda. A porta estava trancada, mas, nos sonhos, Maya sempre tinha a chave.

Entrou, não porque queria, mas porque não tinha escolha. Alguma parte dela — a parte dela que sonhava — insistia em voltar noite após noite, como se houvesse algo que devesse fazer ali. Algo que ela deveria entender. O fogo estalou na lareira alta de pedra. A mesa estava posta para duas pessoas. Duas tigelas, duas colheres, dois copos ainda a serem servidos. O jantar cozinhava em uma panela no fogão, algum tipo de ensopado. Carne cozida com alecrim, alho e tomilho — o cheiro era delicioso — e ela sentiu o corpo começar a relaxar, a desacelerar, mesmo quando o medo brotou em suas vísceras e envolveu seu coração.

Não parecia um sonho.

Ela sabia que Frank estava lá. Ele sempre estava lá. O riacho passava suavemente na janela, um som calmo, mas Maya sabia que não era bem assim. Havia perigo ali, espreitando bem abaixo da superfície, costurado no tecido deste lugar. Perigo no conforto, no calor. Perigo até no barulho do riacho, no gorgolejo baixo — estava ficando mais alto. O barulho da água atingindo as pedras. Rítmico e insistente, tornava-se mais alto e forte até parecer falar com ela, palavras surgindo do nada e desaparecendo antes que ela pudesse decifrá-las.

Maya prestou atenção, tentando entender, até perceber que não era o rio falando com ela. Era Frank.

Ele estava atrás dela, sussurrando ao seu ouvido. Cada pelo de seu corpo se arrepiou. Seu coração acelerou e o horror gritou em seus ouvidos enquanto ela se virava lentamente.

Então abriu os olhos, encharcada de suor.

Era raro para ela se lembrar do que sonhava ao acordar e, quando lembrava, só tinha uma vaga impressão. Mas, desde que havia tomado o último Rivotril, o sono havia se tornado cada vez mais fragmentado, e os sonhos mais vívidos. Deixavam para trás uma névoa de medo. Ela esticou a mão para pegar o relógio e o virou. 05h49. Com cuidado para não acordar Dan, levantou-se da cama mais uma vez, pegou o notebook da mesa e foi para a sala na ponta dos pés.

Abriu uma playlist de sons relaxantes da natureza e a receita de bolo de chocolate alemão da mãe. Esta noite, ela e Dan fariam a viagem de carro de duas horas até Amherst para o aniversário da mãe dele. Normalmente Maya ficaria animada — ela gostava dos pais dele e tinha oferecido (antes de ficar sem a medicação) assar um bolo para a mãe dele —, mas agora ela se perguntava como aguentaria um jantar com apenas os quatro sem que os pais dele percebessem que havia algo de errado.

Ela queria que a aprovassem. Quando os conheceu, o pai de Dan achou que seria divertido falar com ela em espanhol, o que foi desconfortável porque o espanhol de Maya era precário. Ela soava como qualquer falante de inglês que havia aprendido a língua no ensino médio, pronunciando as vogais de um modo muito longo e errando a conjugação dos verbos, enquanto o pai de Dan sabia pronunciar corretamente os *r's*. Ela se limitou a se desculpar e, desde então, estivera tentando se redimir ao olhar deles.

Assim como o filho, Greta e Carl eram inteligentes. Intelectuais. Ela era repórter fotográfica, e ele professor do quinto ano e poeta poliglota. Maya queria que eles gostassem dela, porém, mais do que isso, queria ser como eles. Não planejava trabalhar na Floricultura da Kelly para sempre. Queria contar a eles que seu pai também tinha sido escritor, apesar de sua mãe trabalhar na cozinha de um centro de reabilitação de luxo assando pães.

Mas talvez os pais de Dan pudessem querer saber mais sobre seu pai, que morreu antes de seu nascimento. Contar isso sempre levava a um momento desconfortável em que as pessoas buscavam pela coisa certa a dizer, e a última coisa que ela queria para aquela noite era mais desconforto.

Simplemente diria a eles que não estava se sentindo bem. O que era verdade. Tentaria disfarçar as olheiras e não se agitar. Sorriria, nem muito nem pouco, e ninguém perceberia o quão pouco ela tinha dormido.

Massageando as têmporas, tentou se concentrar nos sons de cachoeira saindo das caixas de som. Anotou quais ingredientes

precisava. Coco ralado, leiteinho, noz-pecã. Então, já que não tinha atenção suficiente para ler um livro, abriu o YouTube e rolou os diversos canais nos quais estava inscrita. Precisava de algo para se distrair da vontade que consumia seu cérebro, algo feito para chamar e prender a atenção.

Maya não estava em nenhum tipo de rede social. Os amigos dela consideravam isso excêntrico, Dan dizia achar inspirador, e ela havia conseguido convencer a si mesma de que isso era um tipo de posicionamento, uma declaração. Talvez fosse, até certo ponto, mas a verdade era mais complicada, e não era o tipo de coisa em que Maya deveria estar pensando no momento, sua ansiedade já no nível máximo.

Ela assistiu a um pequeno vídeo sobre um gato que criou um beagle órfão como se fosse seu filho, então um sobre um Boston terrier que sabia andar de skate. Ela não usava foto de perfil, nenhum tipo de informação que a pudesse identificar na internet, mas é claro que isso não evitava que recebesse publicidades e recomendações específicas.

Mais tarde, se perguntaria se foi por isso que o vídeo apareceu em seu *feed*. “Garota morre em frente às câmeras.” É claro que ela clicou. De acordo com a legenda, o vídeo de seis minutos de baixa resolução foi extraído das imagens de segurança de uma lanchonete em Pittsfield, no estado de Massachusetts, a antiga cidade de Maya. Apesar da aparência dos anos 1950, a lanchonete devia ser nova, já que ela não a reconhecia. Uma fileira de mesas com sofás brilhantes, em sua maioria vazios, estavam alinhados à parede. Parecia por volta do meio-dia. O vídeo era colorido, mas a qualidade era baixa, tudo parecia desbotado. O piso de xadrez preto e branco. As fotos de carros clássicos nas paredes. Os únicos clientes eram uma família de quatro pessoas e dois idosos tomando café.

A câmera estava apontada para a porta da frente a fim de pegar algum criminoso invadindo com uma arma ou fugindo com a caixa registradora, mas não foi o que captou. Em vez disso, quando a porta se abriu, surgiu o que parecia ser um casal comum,